



RESENHA DE LIVRO

Pamela Siegel. Psicóloga, Doutora em Saúde Coletiva, Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas/Unicamp. Membro do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde/Lapacis. Campinas (SP), Brasil. E-mail: gfusp@mpc.com.br

Nelson Filice de Barros. Docente, Departamento de Saúde Coletiva. Faculdade de Ciências Médicas/Unicamp. Coordenador do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde/Lapacis. Campinas (SP), Brasil. E-mail: filice@fcm.unicamp.br

A autora é médica, especialista em Saúde Pública, mestra em Medicina Social e docente da *Escuela Superior de Medicina do Instituto Politécnico Nacional*, México, D.F. O livro consiste de 347 páginas distribuídas em 10 capítulos.

No capítulo primeiro, intitulado "*Conceptos de Cultura, Tipos, Caracterización em México*", a autora contrasta as perspectivas de categorias profissionais como antropólogo, sociólogo ou médico consciente da realidade social do país com a visão de um médico comum, para o qual a cultura e aspectos sociais têm pouca importância. A autora tenta conceituar a cultura, que os antropólogos tendem a relacionar com o estilo de vida de um grupo, e depois ela contextualiza a cultura mexicana exemplificando-a com frases autodeclaradas da cultura médica popular referentes à saúde, como "*somos lo que comemos*" e, também, aquelas que pregam ir contra as regras da saúde, como "*el que no toma vino en esta vida, a qué vino*".

O título do livro "*De algo se tiene uno que morir*" encontra-se nesta mesma lista e provém da resposta frequente que os pacientes dão aos médicos, quando estes lhes sugerem uma mudança no seu estilo de vida - seja na alimentação, consumo de tabaco, álcool, controle de peso, etc. - para prevenir ou controlar as doenças. É uma frase muito comum que quer significar: como, bebo, fumo ou sou sedentário porque me agrada agora, o resto não me importa, mais para frente veremos. É viver o momento sem medir as consequências futuras. A autora ilustra estas frases e atitudes nas entrevistas com alguns pacientes. Neste capítulo é abordado, ainda, o fato de os médicos não cuidarem da sua própria saúde e uma tentativa de identificar, através de roteiros de entrevistas semi-

estruturadas, questões sobre a cultura como obstáculo à mudança do estilo de vida.

A cosmovisão da cultura e da doença é explorada no capítulo segundo, e a autora discorre sobre os pontos envolvidos na falta de saúde, como o sedentarismo, o excesso de comodidades da vida moderna, a falta de opções para muitos, uma cultura passiva da doença e a lei do menor esforço.

O estilo de vida é abordado no capítulo terceiro, em que a autora resgata a origem da expressão a partir de Marx, Engels, Weber e a Organização Mundial da Saúde. A seguir, a autora tenta identificar o que seria o estilo de vida mexicano, como uma idiossincrasia. Segundo a autora, como o México teve fortes laços comerciais, políticos e culturais com os Estados Unidos, passou por um processo de transculturação, incorporando um estilo de vida pouco saudável deste país. Entre os pontos que ela cita como fazendo parte do estilo de vida mexicano e da cultura da doença e da morte estão: pobreza e desigualdade social, que torna mais difícil cobrir as necessidades básicas da população, tais como alimentação, saúde, educação e moradia; uma forte indústria farmacêutica que incentiva a venda de medicamentos e promove a medicina curativa; a minimização da atenção preventiva e um setor de saúde desintegrado que atende ineficientemente a população.

Nos capítulos quarto e quinto a autora descreve as principais doenças crônicas degenerativas universalmente conhecidas, que também ocorrem no México, o significado sociocultural da doença, e se dedica ao levantamento dos custos de tratamento das principais doenças crônicas-degenerativas, a saber: diabetes tipo II; agravos cardiovasculares; infarto agudo do miocárdio;

Siegel P, Barros NF de.

De algo se tiene uno que morir. Una perspectiva sociocultural...

hipertensão arterial; alcoolismo; doença cerebrovascular; doença pulmonar obstrutiva crônica; câncer de pulmão; tabagismo;/ câncer de próstata; leucemia; insuficiência renal crônica e obesidade.

O capítulo sexto, intitulado “*Encuentro consigo mismos, como futuros médicos*” consiste dos relatos de entrevistas feitas por estudantes na área de antropologia médica, com o intuito de captar dados sobre o estilo de vida dos pacientes. Os pacientes foram entrevistados em diferentes instituições de saúde da cidade do México, D. F. e do Estado do México, alguns em suas residências e no interior. No final do capítulo constam resumos dos casos, por doenças, e comentários.

Em seguida, a autora envereda, no capítulo sétimo, pelas políticas de saúde e a formação dos recursos humanos no México, citando a Cristina Laurell quando esta identifica o processo da globalização como a hegemonia mundial dos grupos financeiros e a política de saúde como uma reforma neoliberal dos sistemas de saúde em andamento na América Latina. Desde a década de 1990 existe uma proposta de reforma para mercantilizar plenamente o sistema de saúde e seguro social, com implicações adversas para a população, desvirtuando os princípios do Instituto Mexicano del Seguro Social (IMSS) como instituição pública, solidária e redistributiva. A partir deste ponto a autora discute as estratégias de várias instituições e programas de saúde, como as secretarias, o programa nacional de saúde, o Programa Saúde do Adulto, o Instituto Nacional da Senescência e, principalmente, os programas de saúde da infância, do adolescente, do homem e da mulher.

No capítulo seguinte, o oitavo, a autora analisa a globalização como alavanca das doenças crônicas e vai citar a nutrição, o consumo de refrigerantes, a epidemia da obesidade, o alcoolismo, o tabagismo, o sedentarismo e consumismo como os mais graves eventos que afetam a saúde dos mexicanos, e já engata no capítulo nono, intitulado “*Cultura preventiva en salud*”. Neste capítulo, ela afirma que seria possível prevenir milhões de mortes prematuras se fosse possível tão somente suprimir ou diminuir o consumo do tabaco, melhorar a dieta, aumentar o exercício físico e evitar o consumo irracional de álcool. A autora chama a atenção para a responsabilidade da educação médica, para os planos de estudo universitários nas escolas e faculdades de medicina, enfermagem, nutrição e odontologia, e sugere uma lista de 15 itens que deveriam mudar para permitir que o

sistema de saúde do país esteja habilitado para enfrentar as doenças crônico degenerativas.

A autora termina o livro com um capítulo sobre as medicinas complementares, como proposta viável e eficaz, citando a acupuntura, a medicina natural, a homeopatia, o yoga, a meditação e as plantas medicinais, e encerra o capítulo mencionando o trabalho da “*Dirección de Medicina Tradicional y Desarrollo Intercultural*”, um dos órgãos do Ministério da Saúde mexicano que está impulsionando a divulgação da medicina natural.

O livro pode ser considerado um complemento importante de outra obra sobre o tema “*Olhares Socioantropológicos sobre os adoecidos crônicos*”¹, que aprofunda o conceito da doença crônica e identifica um conjunto de temas relacionados com este conceito, tais como: a perda do self; as rupturas e a reconstrução biográfica; a experiência e identidade coletivas e a estigmatização; as narrativas sobre o corpo e o self; as concepções leigas e eruditas da enfermidade e a adaptação e o ajustamento à condição crônica, etc.

Consideramos que a realidade do campo da saúde no México seja muito semelhante à do Brasil. A mudança do estilo de vida como medida de prevenção das doenças crônico-degenerativas é muito mais econômica do que o tratamento destas doenças. O uso de medicinas tradicionais, alternativas e complementares no Sistema Único de Saúde é apoiado pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, e as intervenções educativas bem dirigidas através dos meios de comunicação, juntamente com a decisão dos políticos, gestores e funcionários das instituições da saúde, devem ir além do enfoque somente clínico e de alta tecnologia se se quer mudar o crítico panorama atual da saúde brasileira.

REFERÊNCIA

1. Jiménez CC. De algo se tiene uno que morir. Una perspectiva sociocultural de las ECD (Enfermedades Crónico Degenerativas). Instituto Politécnico Nacional: México D.F; 2012.

Siegel P, Barros NF de.

De algo se tiene uno que morir. Una perspectiva sociocultural...

Submissão: 08/06/2013

Aceito: 18/08/2013

Publicado: 15/12/2013

Correspondência

Pamela Siegel

Faculdade de Ciências Médicas

Universidade Estadual de Campinas

Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

CEP: 13083-887 – Campinas (SP), Brasil